

O VÍRUS DA FOME: COMO O CORONAVÍRUS ESTÁ AUMENTANDO A FOME EM UM MUNDO FAMINTO

"A COVID-19 está criando muitos problemas para nós. Ficou difícil dar o que comer aos meus filhos de manhã. Somos totalmente dependentes da venda de leite e, com o fechamento do mercado, não estamos mais conseguindo vendê-lo. Se não vendemos leite, não comemos."

Kadidia Diallo, produtora de leite em Burkina Faso.

A pandemia da COVID-19 jogou lenha na fogueira de uma crise de fome que já vinha se acirrando. Mesmo antes da pandemia, a fome estava aumentando. Em 2019, estima-se que 821 milhões de pessoas sofriam de insegurança alimentar no mundo, 149 milhões das quais estavam em situação de crise de fome ou pior.¹ Agora, o coronavírus intensificou os impactos de conflitos, da desigualdade e da crescente crise climática, abalando as estruturas de um sistema alimentar global já falido e deixando um contingente adicional de milhões de pessoas à beira da fome.

O Programa Mundial de Alimentos (PMA) estima que o número de pessoas em situação de crise de fome subirá para 270 milhões antes do fim do ano, o que

representa um aumento de 82% em relação ao número registrado em 2019, devido à pandemia.ⁱⁱ Isso significa que, antes do final do ano, de 6.100 a 12.200 pessoas poderão estar morrendo de fome a cada dia em decorrência dos impactos sociais e econômicos da pandemia,ⁱⁱⁱ talvez mais do que as que estarão morrendo todos os dias nessa altura devido à doença.^{iv}

Este comunicado à imprensa explora como a pandemia da COVID-19 está aumentando a fome em um mundo já faminto. Ele destaca os 10 países e regiões com a maior incidência de fome extrema nos quais a crise alimentar é mais grave e está se acirrando em decorrência da pandemia: Iêmen, República Democrática do Congo (RDC), Afeganistão, Venezuela, região do Sahel da África Ocidental, Etiópia, Sudão, Sudão do Sul, Síria e Haiti. Juntos, esses países e regiões abrigam 65% das pessoas em situação de crise de fome em todo o mundo (veja a Tabela 1).

Mas a história não termina aqui. Novos países e regiões com alta incidência de fome também estão surgindo. Como documentamos neste relatório, países de renda média como Índia, África do Sul e Brasil estão experimentando níveis de fome que vêm crescendo rapidamente à medida que milhões de pessoas que estavam conseguindo se alimentar razoavelmente bem a duras penas são empurradas para uma situação de fome pela pandemia. Mesmo os países mais ricos do mundo não estão imunes a esse fenômeno. Dados do governo do Reino Unido mostram que, nas primeiras semanas de lockdown no país, cerca de 7,7 milhões de adultos foram obrigados a reduzir o tamanho das suas refeições ou pular refeições, e até 3,7 milhões de adultos precisaram recorrer a comida de caridade ou a um banco de alimentos.^v

Este comunicado à imprensa também explora por que tantas pessoas estão passando fome e por que tantas outras estão tão vulneráveis à fome. Ele expõe um sistema alimentar que tem mantido milhões de pessoas em situação de fome em um planeta que produz alimentos mais que suficientes para todos.^{vi} Um sistema que permitiu que as 8 maiores empresas de alimentos e bebidas do mundo desembolsassem mais de US\$ 18 bilhões para os seus acionistas desde o início de 2020, no mesmo momento em que a crise do COVID-19 se espalhava pelo mundo.^{vii} Esse valor equivale a mais de 10 vezes o volume de recursos para assistência alimentar e agrícola solicitado no apelo da ONU por ajuda humanitária diante da COVID-19.^{viii}

A Oxfam reconhece a necessidade de os governos tomarem medidas urgentes para conter a disseminação do coronavírus, mas também está apelando a eles no sentido de que tomem medidas imediatas para debelar a atual crise de fome. Para salvar vidas no presente e no futuro, os governos devem: (1) financiar na íntegra o apelo da ONU por ajuda humanitária, (2) construir sistemas alimentares mais justos, mais resilientes e mais sustentáveis, começando com a realização de uma Cúpula Mundial de Alto Nível sobre Crise Alimentar por ocasião da sessão do Comitê de Segurança Alimentar Mundial em outubro de 2020, (3) promover a participação e a liderança das mulheres em decisões sobre como reparar um sistema alimentar falido, (4) cancelar dívidas para permitir que os países em desenvolvimento adotem medidas de proteção social, (5) apoiar o apelo da ONU por um cessar-fogo global e (6) tomar medidas urgentes para fazer frente à crise climática.

Tabela 1: Dez locais e regiões com grande incidência de fome extrema

País ou região	Número de pessoas em situação de crise de fome ou pior em 2019, antes da pandemia (milhões)	Percentual da população em situação de crise de fome ou pior em 2019	Classificação no ranking global de prontidão dos sistemas de saúde (de 195 países)	Casos confirmados de COVID-19^{ix}
êmen	15,9	53%	190	941

República Democrática do Congo (RDC)	15,6	26%	161	5.826
Afeganistão	11,3	37%	130	29.143
Venezuela	9,3	32%	176	3.917
Região do Sahel da África Ocidental	9,8	5%	-	33.846
Etiópia	8,0	27%	84	4.532
Sudão do Sul	7,0	61%	180	1.892
Síria	6,6	36%	188	204
Sudão	5,9	14%	163	8.580
Haiti	3,7	35%	138	5.211

A região do Sahel da África Ocidental inclui Burkina Faso, Mali, Mauritânia, Níger, Chade, Senegal e Nigéria.

Esta tabela destaca os 10 países e regiões com a maior incidência de fome com base no número de pessoas em situação de crise de fome ou pior em cada país.^x Ela apresenta também o percentual da população afetada, juntamente com dados sobre casos confirmados de COVID-19 em 22 de junho de 2020. Deve-se observar, no entanto, que esses números de casos provavelmente subestimam significativamente o problema, considerando a limitada capacidade dos serviços de saúde pública e de testagem nesses países.^{xi} O Índice Global de Prontidão dos Sistemas de Saúde classifica os países de acordo com sua capacidade de resposta a emergências de saúde e de prestar serviços de saúde.^{xii} Sistemas de saúde precários aumentam a vulnerabilidade das pessoas à fome, já que, por exemplo, a falta de assistência médica gera problemas de saúde que minam ou reduzem a capacidade das pessoas de ganhar a vida ou produzir alimentos.

CORONAVIRUS – AUMENTANDO A FOME EM UM MUNDO FAMINTO

Os conflitos, a crise climática, a desigualdade e um sistema alimentar falido condenam milhões de pessoas a viver em situação de fome e a morrer de fome todos os anos. Outros milhões de pessoas estão sendo empurradas para esse grupo em decorrência do crescente desemprego e da ruptura econômica causados pela pandemia.

Desemprego em massa

A dramática desaceleração da economia global, combinada com as severas restrições impostas à circulação de pessoas, levou a uma perda maciça de empregos em todo o mundo nos últimos meses. Sem renda ou apoio social, milhões de pessoas simplesmente não estão ganhando o suficiente para comer. A Organização Internacional do Trabalho estima que o equivalente a 305 milhões de empregos em período integral foram perdidos devido à pandemia, afetando principalmente mulheres e jovens.^{xiii} Essa perda de empregos pode empurrar até meio bilhão de pessoas para a pobreza.^{xiv}

Em todo o mundo, 61% das pessoas trabalham na economia informal.^{xv} Quarenta por cento são mulheres e muitos são jovens – na verdade, três quartos dos jovens adultos ganham a vida no setor informal.^{xvi} Esses trabalhadores, que incluem ajudantes domésticos, vendedores ambulantes, motoristas de entrega e assalariados diários em canteiros de obras, foram particularmente afetados pela pandemia, já que não têm segurança no emprego e acesso aos benefícios do emprego formal, como o do seguro-desemprego.^{xvii}

Muitas famílias em situação de pobreza também estão sofrendo em decorrência da queda nos fluxos de remessas (o dinheiro que trabalhadores migrantes enviam para as suas famílias do exterior) provocada pelo aumento do desemprego. As remessas globais totalizaram US\$ 554 bilhões em 2019^{xviii} e são uma tábua de salvação para milhões de famílias que vivem em situação de pobreza.^{xix} O Banco Mundial estima que a pandemia provocará uma redução de 20% nas remessas para países de baixa e média renda – equivalente a mais de US\$ 100 bilhões.^{xx}

Os governos responderam à ruptura sem precedentes da atividade econômica instituindo políticas *ad hoc* de proteção social que variam consideravelmente em termos de alcance e escala.^{xxi} Muitas nações ricas adotaram pacotes de estímulo econômico no valor de bilhões de dólares para apoiar empresas e trabalhadores, mas a maioria das nações em desenvolvimento não tem poder de fogo financeiro para fazer o mesmo.^{xxii}

Quadro 1: Mulheres, comida e fome

As mulheres desempenham um papel crucial no sistema alimentar global como produtoras e trabalhadoras em plantações e usinas de processamento de alimentos. Elas geralmente são também as responsáveis por comprar e cozinhar alimentos para a família. No entanto, a prevalência da insegurança alimentar é maior para mulheres do que para homens em todos os continentes – e as maiores diferenças são encontradas na América Latina.^{xxiii}

Embora haja poucos dados desagregados por gênero disponíveis para documentar como a pandemia da COVID-19 está afetando as mulheres,^{xxiv} décadas de experiência nos permitem afirmar que mulheres e crianças são desproporcionalmente afetadas em períodos de crises econômicas e insegurança alimentar.

As mulheres compõem uma proporção significativa de grupos como os dos trabalhadores informais e dos pequenos produtores rurais,^{xxv} os mais afetados pelas consequências econômicas da pandemia. Além disso, elas são frequentemente as mais vulneráveis dentro desses grupos em decorrência das barreiras sistêmicas que enfrentam, como a da discriminação na titularidade da terra ou nos salários, ou do estigma social que sofrem quando criam seus filhos sozinhas ou são mães solteiras ou vítimas de violência sexual.^{xxvi} Por exemplo, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) estima que se as mulheres tivessem o mesmo acesso a recursos produtivos que os homens, elas poderiam aumentar a produção em suas propriedades rurais em até 30% – reduzindo o número de pessoas que passam fome no mundo em até 17%.^{xxvii}

Elas também são as que assumem a tarefa de prestar cuidados não remunerados e a carga de trabalho dos cuidados domésticos não remunerados. Mesmo antes

da pandemia, as mulheres estavam prestando cuidados não remunerados numa proporção três vezes maior que os homens em todo o mundo e essa proporção aumentou dramaticamente nos últimos meses devido à doença e ao fechamento de escolas. Uma pesquisa realizada em assentamentos informais em Nairóbi, por exemplo, revelou que 42% das mulheres não estavam encontrando trabalho remunerado por conta do aumento da sua carga de trabalho com cuidados e atividades domésticas provocado pela pandemia e pela resposta a ela.^{xxviii}

Em decorrência de todos esses fatores, e também do fato de as mulheres serem frequentemente as primeiras a pular refeições ou a reduzir o tamanho das suas refeições para sobrar mais comida para a família, elas tendem a ser as primeiras a passar fome, com severas consequências para a sua saúde e a de seus filhos. Por exemplo, a anemia – causada pela falta de ferro na dieta – é uma das principais causas de óbitos maternos em países de baixa renda em todo o mundo. Um estudo realizado na Índia em 2014 revelou que a anemia contribuía para 50% dos óbitos maternos registrados no país.^{xxix}

Produtores de alimentos levados ao limite das suas forças

Pequenos produtores rurais em todos os países em desenvolvimento, muitos dos quais mulheres, formam a espinha dorsal dos sistemas alimentares locais. Eles desempenham um papel importante na produção de alimentos e na geração de empregos, mas estão entre os mais vulneráveis à fome devido à pandemia.

As restrições impostas a viagens para conter a disseminação do coronavírus, bem como a incidência da doença entre trabalhadores, impediram muitos produtores de semear ou colher suas lavouras e de acessar mercados para vender seus produtos ou comprar sementes e ferramentas.^{xxx} Em outros locais, comunidades pastoris não têm conseguido deslocar seus animais até fontes sazonais de alimentos e água, afetando sua saúde e valor de venda.^{xxxi}

A despeito do relaxamento das medidas de lockdown em muitos países, os produtores ainda estão enfrentando outros desafios. Por exemplo, muitos pequenos produtores oferecem suas terras como garantia para empréstimos, de modo que temem a possibilidade de perdê-las se não puderem semear ou colher suas lavouras. Em outros casos, continuaram a ser feitas consultas sobre transações de terras a despeito das restrições impostas à circulação de pessoas, que não permitem que as comunidades afetadas sejam adequadamente consultadas,

aumentando o risco da apropriação de terras.^{xxxii} Em Uganda, o governo proibiu despejos durante o confinamento, mas terras continuaram a ser apropriadas. Em um caso, mais de 35 mil pessoas em 20 vilarejos ficaram sem moradia ou terra para cultivar alimentos após terem sido despejadas.^{xxxiii}

Há também sinais preocupantes de que algumas empresas estão usando a pandemia para tirar proveito dos consumidores. O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que acompanha o preço médio pago por supermercados e outros varejistas por uma cesta de produtos básicos, vem caindo constantemente desde janeiro de 2020.^{xxxiv} No entanto, os preços ao consumidor têm subindo em muitos países em decorrência de rupturas nas cadeias locais de produção e abastecimento, da inflação, de corridas às compras e da possível goivagem de preços (quando produtos são vendidos a um preço muito mais alto que o considerado razoável ou justo).^{xxxv} Nos Estados Unidos, por exemplo, os preços ao consumidor dos gêneros alimentícios aumentaram 2,6%^{xxxvi} em média, mas a renda agrícola caiu.^{xxxvii}

Quadro 2: Agricultura em lockdown

Uma pesquisa realizada pela Oxfam^{xxxviii} com pequenos produtores rurais em Uganda, Hong Kong, Nepal, Guatemala e Zâmbia revelou alguns dos impactos das restrições impostas a viagens em resposta à pandemia do COVID-19.

Pequenos agricultores de Zâmbia disseram que não estavam conseguindo vender seus produtos devido ao fechamento dos mercados locais ou porque estavam preocupados com a possibilidade de contraírem o vírus. Os que estavam conseguindo comercializar seus produtos afirmaram que estavam recebendo menos que o normal por eles.

No Nepal, intermediários que compram legumes e hortaliças em chácaras para comercializá-los em mercados locais não têm podido fazer isso, privando muitos agricultores de uma fonte vital de renda.

Em Uganda, as medidas de lockdown coincidiram com a estação da semeadura. Medidas como o distanciamento social e o fechamento de mercados comunitários não permitiram que agricultores comprassem sementes ou atrasaram o plantio. Areo Joyce, um pequeno agricultor, disse o seguinte à Oxfam: "Não é permitido

trabalhar com o grupo completo. Trinta pessoas não podem trabalhar ao mesmo tempo na mesma horta. Isso atrasou o plantio."

O programa "Semeando a Diversidade = Colhendo a Segurança" da Oxfam trabalha com pequenos agricultores para promover a segurança alimentar e uma melhor nutrição. www.sdhsprogram.org

Ajuda humanitária cada vez mais em baixa

A prestação de assistência humanitária tornou-se mais difícil com a pandemia. As restrições impostas à circulação de pessoas e bens e as precauções adicionais necessárias para proteger a saúde das pessoas no processo de assisti-las têm afetado os esforços para prestar ajuda alimentar a pessoas necessitadas. Em alguns países como Chade e Mauritânia, na África Ocidental, as agências de ajuda humanitária foram forçadas a reduzir ou suspender suas atividades humanitárias em decorrência da pandemia.^{xxxix}

Até o presente momento, 24% do financiamento previsto para o Plano Global de Resposta Humanitária (GHRP) à COVID-19 – de US\$ 7,3 bilhões – foram disponibilizados.^{xi} Nesse contexto, apenas 9% do financiamento necessário para combater a crescente insegurança alimentar foram efetivamente garantidos.^{xii} No Iêmen, o Programa Mundial de Alimentos (PMA) reduziu pela metade as rações distribuídas a 8,5 milhões de pessoas no norte do país.^{xiii} Da mesma maneira, o Afeganistão – país que vem enfrentando a pior crise humanitária do mundo – recebeu apenas 6% do total de US\$ 60 milhões necessários para financiar seus programas de segurança alimentar em resposta à COVID-19.^{xliii}

Esses cortes já estão afetando a capacidade de resposta de organizações como a Oxfam em um momento em que a pandemia tornou a necessidade de ajuda humanitária ainda mais premente. O processo de financiamento dos fundos de doadores institucionais também tem sido moroso e as organizações humanitárias locais que estão trabalhando na linha de frente da resposta à COVID-19 têm tido um acesso muito limitado a financiamentos.

Além disso, restrições governamentais obrigatórias implementadas para conter a propagação do vírus vêm dificultando o acesso de trabalhadores humanitários a pessoas mais vulneráveis. Para superar algumas das restrições impostas à circulação de pessoas, a Oxfam e seus parceiros locais vêm desenvolvendo abordagens inovadoras para levar ajuda a pessoas necessitadas, incluindo transferências eletrônicas de dinheiro, disponibilização de água potável, caixas eletrônicas acessíveis onde as pessoas conseguem acessar estações de tratamento de água com crédito pré-pago pela Oxfam e uso de criptomoedas em países nos quais a hiperinflação dificulta a distribuição de recursos em espécie.

Desde o início da pandemia, a Oxfam disponibilizou alimentos e água a 4,5 milhões das pessoas mais vulneráveis do mundo trabalhando em conjunto com mais de 344 parceiros em 62 países. Nosso objetivo é beneficiar um total de 14 milhões de pessoas levantando uma soma adicional de 100 milhões de euros para apoiar nossos programas.^{xliv}

Um sistema alimentar falido

Mesmo antes da pandemia, nosso modelo industrial de produção agrícola, muito dependente de insumos químicos para o cultivo de vastas monoculturas para exportação, não estava garantindo a segurança alimentar e aliviando a pobreza para milhões de pessoas.

Devido às enormes desigualdades que sofrem, pequenos agricultores, que produzem mais de 70% dos alimentos consumidos por pessoas que vivem na Ásia e na África subsaariana^{xlv} – e as mais de 1,7 bilhão de pessoas que trabalham em estabelecimentos agrícolas, plantações, barcos de pesca e usinas de processamento de alimentos^{xlvi} –, não estão conseguindo produzir alimentos suficientes ou ganhar o suficiente para não passar fome.

Os governos dos países em desenvolvimento não têm investido na agricultura e na economia rural há décadas, deixando pequenos produtores sem a infraestrutura, as informações ou as tecnologias necessárias para acessar mercados, aumentar sua produtividade e se adaptar a um clima cada vez mais hostil. Por exemplo, entre 2014 e 2018, apenas oito países africanos gastaram consistentemente 10% ou mais do orçamento governamental com agricultura.^{xlvii}

Pequenos agricultores também são frequentemente forçados a concorrer com produtores rurais de países ricos que recebem subsídios substanciais de seus governos.

Além disso, poderosos comerciantes de produtos agrícolas, empresas de alimentos e bebidas e supermercados que dominam o setor de alimentação conseguem ditar o preço e os termos do comércio de alimentos. Seu foco em reduzir custos e maximizar lucros submete produtores e trabalhadores a salários de pobreza e os força a arcar com a maior parte dos riscos associados à produção de alimentos. Uma pesquisa realizada pela Oxfam em 2019 com trabalhadores em plantações de chá em Assam, Índia, por exemplo, revelou que mais da metade deles não estava conseguindo sobreviver apenas com seus salários. Enquanto isso, empresas indianas detentoras das marcas de chá do país ficavam com 58% do preço pago pelos consumidores.^{xlviii}

Nesse cenário, milhões de pequenos agricultores e trabalhadores estão lutando para sobreviver – com consequências importantes para a segurança alimentar de comunidades e países.

A crise climática

A crise climática está aumentando a fome em todos os países e regiões com maior incidência de fome.

Temperaturas médias anuais mais altas, eventos climáticos mais extremos, como secas e inundações, e padrões climáticos menos previsíveis têm gerado impactos desastrosos para a produção de alimentos. As projeções indicam que as mudanças climáticas terão um impacto negativo sobre a produtividade das lavouras em muitas partes do mundo e aumentarão os preços dos alimentos. O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) também estima que um contingente adicional de até 183 milhões de pessoas poderá vir a passar fome até 2050 devido às mudanças climáticas.^{xlix}

As mudanças climáticas intensificam os desafios que os produtores rurais estão enfrentando atualmente. No Oriente Médio, na África Central e Oriental e em partes da Ásia, produtores rurais têm enfrentado algumas das maiores invasões de gafanhotos já vistas em décadas após condições excepcionalmente úmidas em seus criadouros – provocadas pela crise climática – terem aumentado muito o número desses insetos. Mais de seis milhões de pessoas em áreas afetadas por invasões de gafanhotos estão sofrendo com níveis de fome só vistos em tempos de crises

severas.ⁱ Só na Etiópia, estima-se que 356 mil toneladas métricas de cereais e 1,3 milhão de hectares de pastagens tenham sido perdidos para gafanhotos até o momento e há previsões de perdas ainda maiores. Como resultado, aproximadamente 1 milhão de etíopes estão precisando de ajuda alimentar.ⁱⁱ Enquanto isso, as restrições impostas à circulação de pessoas em resposta à pandemia estão retardando a tomada de medidas para controlar essas nuvens de gafanhotos e impedir que destruam lavouras.ⁱⁱⁱ

Desigualdade

Vivemos um tempo de extrema desigualdade. Enquanto quase metade da humanidade sobrevive a duras penas com menos de US\$ 5,50 por dia, os 2.200 bilionários do mundo detêm uma riqueza maior que a de 4,6 bilhões de pessoas juntas.ⁱⁱⁱⁱ A pandemia está explorando e exacerbando essas desigualdades, na medida em que os que estão na base da pirâmide social são os mais impactados pela perda de empregos e renda.^{iv}

Essas desigualdades mantêm milhões de pessoas presas na pobreza e na fome. Em Malawi, por exemplo, famílias abastadas consomem três vezes mais calorias que as mais pobres.^{lv} Quando os preços dos alimentos aumentam, pessoas ricas podem nem perceber. Mesmo que sofram alguma perda de renda, seus gastos com alimentos ainda representam uma fração relativamente pequena das suas despesas domésticas. No entanto, para famílias mais pobres, cujos gastos com alimentos consomem metade da sua renda,^{lvi} qualquer aumento, por menor que seja, nos preços dos alimentos ou qualquer queda na renda pode forçá-los a pular refeições ou a consumir alimentos menos nutritivos.

Como descrito acima, essas profundas desigualdades também afetam o sistema alimentar, no qual o acesso desigual a alimentos, não uma produção global insuficiente, faz com que pessoas passem fome.^{lvii} Investimentos financeiros no grande agronegócio são frequentemente priorizados, enquanto os investimentos em pequenos produtores ficam, lamentavelmente, em último plano.^{lviii} Enquanto isso, supermercados e empresas de alimentos e bebidas continuam ficando com a maior parte do preço que o consumidor paga por seus produtos.

Conflitos

Os conflitos constituem uma das principais causas e consequências da escassez de alimentos; portanto, não é de surpreender que 8 dos 10 países e regiões com a maior incidência de fome extrema identificados pela Oxfam estejam sendo afetados por níveis elevados de violência e insegurança. Isso é ilustrado pelo fato de 60% das 821 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar e cerca de 80% das crianças com desenvolvimento comprometido pela desnutrição do mundo^{lix} viverem em países afetados por conflitos.^{lx}

Pessoas forçadas a fugir da violência, geralmente com pouco mais do que a roupa do corpo, ficam particularmente vulneráveis. No entanto, alimentos costumam ser escassos mesmo para aqueles que decidem não fugir. A agricultura pode se tornar perigosa, já que agricultores podem ficar expostos a ataques, propriedades rurais podem ser saqueadas e as estradas podem se tornar perigosas demais para se levar alimentos aos mercados. Déficits de produção podem aumentar os preços dos alimentos, mas a guerra destrói economias, deixando pessoas sem recursos para comprar os poucos alimentos que ainda possam ser encontrados.

A fome também pode ser usada como arma de guerra. Partes em guerra podem destruir mercados e armazéns, suspender a importação de alimentos e cortar ligações de transportes para impor mais poder. Antes da guerra, o Iêmen importava 90% dos alimentos e quase todo o combustível que consumia, de modo que as restrições marítimas, terrestres e aéreas decorrentes do conflito que assola o país tiveram um impacto significativo sobre o preço dos alimentos e sobre a sua disponibilidade.

Esses problemas são exacerbados pelo exaurimento de recursos para financiamento e da ajuda humanitária provocado pela pandemia.

Quadro 3: Fome acentuada pela guerra na República Centro-Africana

A República Centro-Africana (RCA) é verde e verdejante, mas tem sofrido muito com conflitos e com a insegurança desde 2004. O país foi classificado na última posição entre 117 no Índice Global da Fome,^{lxi} já que uma em cada duas pessoas está em situação de insegurança alimentar no país e estima-se que quase um milhão esteja à beira da fome.^{lxii}

A escassez de alimentos acentua e é acentuada por conflitos. Milhares de agricultores foram forçados a abandonar suas propriedades rurais^{lxiii} ou tiveram suas culturas e gado queimados e os soldados de manutenção da paz da ONU precisam manter uma forte vigilância para proteger as pessoas enquanto coletam lenha e água.

A pandemia da COVID-19 está exacerbando esta crise ainda mais. A redução nos transportes e o fechamento parcial das fronteiras com Camarões e a República Democrática do Congo levaram a um aumento nos preços de alimentos importados – o custo do arroz e do feijão, por exemplo, aumentou 80% desde o ano passado. Em abril de 2020, o preço de alimentos cultivados localmente, como milho, mandioca e sorgo, também havia subido quase 50% em relação ao mesmo mês no ano anterior.^{lxiv}

A Oxfam ampliou suas operações na República Centro-Africana em resposta à pandemia, distribuindo alimentos e sementes para mais de 54.000 pessoas, bem como sabonetes e máscaras de pano.

PAÍSES E REGIÕES COM ALTA INCIDÊNCIA DE FOME

lêmen

Uma mãe solteira de quatro filhos e dona de um salão de beleza em Sana'a afirmou o seguinte: *"Quase nenhum cliente tem vindo ao meu salão nos últimos meses. Há mais de dois meses não consigo arcar com as minhas despesas e aluguel e estou comprando comida a crédito. Não sei o que fazer. Até as pessoas que costumavam me ajudar com dinheiro no passado pararam de fazer isso desde que as notícias sobre esse coronavírus chegaram a Sana'a."*

Devastado por mais de cinco anos de guerra, o lêmen está passando pela pior crise humanitária e de segurança alimentar do mundo. Dois terços da sua população – 20 milhões de pessoas – estão passando fome e quase 1,5 milhão de famílias dependem de ajuda alimentar para sobreviver atualmente.^{lxv} Nesse quadro sombrio, as mulheres e as crianças são as mais afetadas, e 1,4 milhão de mulheres grávidas ou lactantes, e mais de dois milhões de crianças, estão sofrendo de desnutrição moderada ou aguda.^{lxvi, lxvii}

O conflito em curso dizimou a infraestrutura do país, restringiu as importações de alimentos, gerou desemprego em massa e deixou os trabalhadores da área de saúde sem salário desde o início da guerra.^{lxxviii} Ao mesmo tempo, enxames de gafanhotos que não têm sido controlados por conta da guerra estão acirrando o problema e aumentando a fome no país.

No final de junho, o Iêmen registrou mais de 900 infecções por coronavírus e mais de 250 óbitos.^{lxxix} No entanto, com apenas metade do sistema de saúde funcionando no país^{lxxx} e devido à sua capacidade limitada de testagem para o vírus, é provável que esses números estejam sendo severamente subestimados.

O impacto da pandemia na segurança alimentar no Iêmen é mais claro. A queda na atividade econômica nos países ricos do Golfo provocada por medidas de lockdown e pela baixa nos preços do petróleo reduziu as remessas do exterior para o Iêmen em até 80% nos primeiros quatro meses de 2020.^{lxxxi} O impacto que essa queda teve sobre a pobreza e a segurança alimentar é significativo, já que as remessas registradas no ano passado trouxeram US\$ 3,8 bilhões ao Iêmen, equivalentes a 13% do seu produto interno bruto (PIB).

O fechamento de fronteiras e de rotas de abastecimento em resposta à pandemia também provocou rupturas severas em cadeias de suprimentos em um país que importa 90% dos alimentos que consome.^{lxxxii} Essas medidas geraram escassez de alimentos e aumentos de preços, especialmente dos preços da farinha de trigo e do açúcar.^{lxxxiii} As importações de alimentos caíram 43% em março e 39% em abril em comparação com os mesmos meses em 2019.^{lxxxiv}

A continuidade da guerra, a despeito do apelo da ONU por um cessar-fogo global, também dificultou a prestação de ajuda humanitária, que só pôde ser acessada por 13,5 milhões de pessoas no início de 2020, contra 15,2 milhões em 2019. Além disso, a ajuda humanitária, que já vinha caindo antes da crise, está no seu limite. Os Estados Unidos cortaram US\$ 73 milhões da sua ajuda ao Iêmen em março de 2020^{lxxxv} e uma conferência realizada em junho para sensibilizar doadores arrecadou apenas US\$ 1,35 bilhão para apoiar a resposta do país à COVID-19, bem abaixo da meta de US\$ 2,4 bilhões^{lxxxvi}.

A Oxfam está recuperando o sistema de abastecimento de água para um dos maiores hospitais de Aden, prestando assistência financeira a famílias afetadas por

inundações no sul do país e treinando voluntários de saúde comunitários para fornecer informações sobre o coronavírus e a importância da higiene e de lavar as mãos para conter a sua propagação.

Afeganistão

"A pobreza é outra doença, tão perigosa quanto esse vírus e, se as pessoas continuarem a ficar em casa dessa maneira, muitas famílias poderão morrer de fome", mulher afegã.

Mais de um terço da população do Afeganistão, aproximadamente 11,3 milhões de pessoas, vive em situação de insegurança alimentar; entre essas pessoas, quase quatro milhões estão a um passo de passar fome.^{lxxvii} Consequentemente, quase 41% das crianças do país tiveram seu desenvolvimento prejudicado pela desnutrição.^{lxxviii}

Quatro décadas de conflito forçaram mais de quatro milhões de pessoas a abandonar seus lares,^{lxxix} destruíram meios de vida e deixaram um quarto da força de trabalho sem emprego. A recuperação do país tem sido prejudicada por uma série de secas extremas desde 2018 e pelo arrefecimento da economia iraniana, que já estava afetando as remessas do exterior para o Afeganistão antes da eclosão da pandemia.

A pandemia empurrou milhões de pessoas para uma situação de fome e de pobreza.^{lxxx} O número de pessoas à beira da fome subiu acentuadamente, de 2,5 milhões em setembro de 2019 para 3,5 milhões em maio de 2020.^{lxxxi}

Os esforços governamentais para conter a propagação do vírus devastaram a economia do Afeganistão, que já era frágil, reduzindo a receita nacional em US\$ 800 milhões – uma redução de 30% em relação a 2019.^{lxxxii} Estima-se que 35 milhões de pessoas – equivalentes ao impressionante percentual de 93% das famílias – estavam precisando de assistência imediata em junho de 2020, quando 70% das famílias relataram perdas de renda e a interrupção dos fluxos de remessas.^{lxxxiii} Uma pesquisa realizada pela Oxfam revelou também que 74% dos entrevistados não estavam tendo acesso a alimentos.

O fechamento de fronteiras também afetou as rotas de abastecimento de alimentos e outros itens essenciais, aumentando seus preços bruscamente. Por exemplo, o

preço médio do óleo de cozinha aumentou 37%, o preço da farinha de trigo subiu 18% e o preço do açúcar teve um aumento de 19% entre meados de março e a última semana de maio.^{lxxxiv}

Desde janeiro de 2020, a Oxfam prestou assistência a 200.336 pessoas no Afeganistão com recursos em espécie, alimentos e materiais agrícolas, como sementes e fertilizantes.

Sudão do Sul

Mesmo antes da pandemia, mais de 60% das pessoas que vivem no Sudão do Sul estavam em situação de crise de fome^{lxxxv} e quatro em cada cinco pessoas estavam vivendo abaixo da linha da pobreza.^{lxxxvi}

Sete anos de conflito prolongado e extremismo violento forçaram milhões de pessoas a abandonar seus lares e tiveram um impacto devastador na produção interna de alimentos em um país no qual 80% das pessoas dependem da agricultura para sua subsistência.^{lxxxvii} Assassinatos por vingança e o roubo de gado dificultaram os esforços dos agricultores para investir em meios de vida sustentáveis. O conflito em curso também dificultou o trabalho de prestação de ajuda das agências humanitárias.

A crise climática tem agravado ainda mais a crise alimentar. A ONU alertou que a fome ameaça a vida de até 5,5 milhões de pessoas no país já que secas e inundações periódicas têm destruído lavouras e matado rebanhos.^{lxxxviii} Mais recentemente, enxames de gafanhotos do deserto têm devorado plantações e pastagens e há temores de que esses enxames – que podem conter centenas de bilhões de gafanhotos – aumentem ainda mais.

Embora não se saiba ao certo até que ponto o coronavírus se disseminou pelo país, os impactos econômicos da pandemia e sua resposta são muito visíveis. A queda nos preços do petróleo teve um impacto devastador para o país, já que ele é responsável por 98% do seu PIB. Estima-se que as fortes perdas de receitas de exportação do petróleo aumentem o déficit comercial do país em mais de 2 bilhões de libras sul-sudanesas (mais de US\$ 15 milhões), prejudicando ainda mais a sua economia e aumentando suas taxas de pobreza e fome.^{lxxxix}

A despeito do recente relaxamento das restrições, o lockdown interrompeu o abastecimento regular de alimentos. Um acordo do governo com Uganda e Quênia possibilitou a continuidade do abastecimento de alimentos e de outros itens essenciais, mas uma quarentena de caminhoneiros gerou atrasos na sua entrega e foi parcialmente responsável por um aumento de quase 40% nos preços dos alimentos.^{xc}

Além disso, a escassez de assistência humanitária também terá um impacto significativo em um país no qual 7,5 milhões de pessoas dependem de assistência humanitária para sobreviver.^{xcii}

A Oxfam estava atuando na linha de frente do combate à insegurança alimentar no Sudão do Sul mesmo antes da eclosão da pandemia. Em resposta à pandemia, a Oxfam ampliou seus programas, disponibilizando recursos em espécie para mais de 153.500 mulheres e homens vulneráveis para permitir que comprassem alimentos e produtos essenciais, como sabão e desinfetantes. A Oxfam também tem disponibilizado sistemas de abastecimento de água limpa e de saneamento para comunidades vulneráveis e tem planos de beneficiar 500 mil pessoas.

Região do Sahel da África Ocidental

Nos últimos 11 anos, a região do Sahel da África Ocidental – composta por Burkina Faso, Chade, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria e Senegal – vem sofrendo a crise de fome que mais cresce no mundo.^{xcii}

Entre março e maio de 2020, estima-se que 13,4 milhões de pessoas estavam precisando de assistência alimentar imediata em toda a região,^{xciii} já que estavam à beira da fome em decorrência de conflitos, das mudanças climáticas e da falta de apoio a pequenos produtores rurais e de medidas para promover uma distribuição igualitária da riqueza por parte do governo.

Só a violência forçou 4,3 milhões de pessoas a abandonar seus lares^{xciv} e deixou 24 milhões de pessoas carentes de assistência humanitária urgente, metade das quais são crianças.^{xcv} A insegurança também afetou a capacidade das pessoas de cultivar lavouras e criar gado, especialmente no Chade, Burkina Faso e região norte do Senegal.

As mudanças climáticas, que elevaram a temperatura a uma taxa 1,5 vez mais rápida que a média global, e inundações e secas frequentes^{xcvi} devastaram lavouras e minaram a renda das pessoas, especialmente em áreas rurais. As perdas geradas por esses fenômenos em termos de recursos naturais, como água e forragem, também aumentaram as tensões e os conflitos entre comunidades na região, minando ainda mais a segurança alimentar.

As medidas tomadas para conter a pandemia afetaram o acesso a mercados, a produção e os preços dos alimentos. O fechamento de fronteiras aumentou substancialmente o preço dos alimentos e produtos agrícolas importados em toda a região. Em Mali, esse aumento foi de 10% na média e, na Nigéria, chegou a 30%.^{xcvii}

As medidas de lockdown adotadas em muitas cidades em resposta à pandemia tiveram um impacto significativo para os produtores rurais – muitos dos quais são mulheres –, obrigando-os a descartar produtos perecíveis como frutas, legumes e leite devido ao fechamento de mercados.

As restrições impostas à circulação de pessoas também impediram que milhões de pastores levassem seus animais para se alimentar em pastos mais verdejantes no sul entre março e junho, ameaçando a sobrevivência de rebanhos inteiros. Na falta de medidas governamentais para ajudar a alimentar o gado até o inverno, temem-se mais perdas. A despeito do lento relaxamento das restrições, é provável que a capacidade das pessoas de se preparar para o longo período de vacas magras tenha sido impactada.

Em termos de resposta humanitária na região do Sahel da África Ocidental, somente 26% dos US\$ 2,8 bilhões^{xcviii} necessários foram efetivamente garantidos, mas a pandemia pode gerar uma crise alimentar e nutricional para um contingente adicional de mais de 50 milhões de pessoas.^{xcix} Milhões de pessoas estão enfrentando dificuldades para se alimentar até mesmo uma vez por dia e muitas outras dependem de uma renda muito volátil. As mulheres, que muitas vezes abrem mão de comer para alimentar seus filhos, estão particularmente expostas a essa crise.

Nos países da região do Sahel, a Oxfam está ajudando mais de 400 mil pessoas vulneráveis a enfrentar a pandemia por meio de medidas como a construção de 107 bombas d'água em Burkina Faso para pessoas que abandonaram seus lares devido

à violência. No Senegal, a Oxfam está distribuindo kits de higiene, alimentos e recursos em espécie e conscientizando as pessoas sobre a importância de medidas de prevenção (por exemplo, de lavar as mãos).

Venezuela

Após uma crise econômica de grandes proporções que já dura sete anos, a Venezuela está mal preparada para enfrentar uma pandemia. Mesmo antes da eclosão da pandemia, mais da metade das pessoas em situação de fome na América Latina viviam na Venezuela.^c No ano passado, 9,3 milhões de pessoas não estavam se alimentando adequadamente no país devido ao desemprego em massa, à queda de renda, a um acesso muito limitado à ajuda humanitária e à hiperinflação, entre outros fatores.^{ci} Com um salário mínimo mensal de US\$ 4, que mal dá para comprar uma caixa de ovos, milhões de venezuelanos deixaram o país em busca de trabalho.

A falta de dados oficiais impossibilita uma visão clara de como a pandemia afetou a segurança alimentar no país. No entanto, desde que o governo anunciou um lockdown nacional, em 13 de março, há evidências de que um número cada vez maior de pessoas está reduzindo a quantidade e a qualidade dos alimentos que consome – cortando o consumo de carnes, laticínios e legumes, e se alimentando de produtos mais baratos, como flocos de cereais.^{cii}

A escassez de combustíveis – que foi exacerbada pelo lockdown – está afetando a distribuição de ajuda humanitária e a produção e transporte de alimentos e alguns sindicatos de agricultores estão alertando que a produção agrícola só poderá satisfazer 15% das necessidades alimentares nas maiores cidades do país.^{ciii}

A crise econômica mais ampla da América Latina também está tendo um enorme impacto na segurança alimentar. Sessenta por cento de 1,6 milhão de venezuelanos que migraram para a Colômbia não têm registro no governo e trabalham em empregos precários no setor informal, sem acesso a serviços ou a mecanismos de apoio.^{civ} Uma pesquisa constatou que 42% dos 385 migrantes venezuelanos entrevistados haviam perdido seu emprego em decorrência da pandemia e um quarto não tinha renda suficiente para comprar alimentos.^{cv} Isso está tendo um impacto indireto na Venezuela, onde dois milhões de famílias dependem de remessas do exterior para sobreviver.^{cvi} Devido à falta de emprego e às condições

adversas enfrentadas em países como a Colômbia, 80 mil migrantes estão retornando à Venezuela pela primeira vez desde a eclosão da crise migratória do país.^{cvii}

As comunidades indígenas, principalmente seus idosos e crianças pequenas, estão entre os grupos mais impactados. Muitas comunidades estão situadas em áreas rurais sem acesso a assistência médica ou a outros serviços básicos e as medidas de lockdown – que incluíram a suspensão de transportes públicos – forçaram seus membros a caminhar por quilômetros ou remar por dias a fio para comprar ou trocar alimentos e outros itens essenciais.^{cviii}

O governo não está suficientemente empenhado em garantir que as pessoas que vivem na Venezuela tenham acesso à assistência médica e alimentar de que precisam para enfrentar a pandemia. No dia 1 de abril, 46 hospitais móveis foram montados, milhares de pessoas foram testadas e campanhas de conscientização foram lançadas para conter a propagação do vírus,^{cix} mas um sistema de saúde fraco^{cx} minou a capacidade do país de enfrentar a pandemia.

Na Venezuela, a Oxfam trabalha por meio de organizações locais que transferem recursos em espécie para ajudar pessoas a comprar alimentos e outros itens essenciais, promover a prática de lavar as mãos e outras medidas para conter a propagação do vírus e prestar aconselhamento e apoio jurídico a pessoas que sofreram violações de direitos humanos. A Oxfam intensificou seu trabalho na Venezuela para apoiar pessoas mais vulneráveis, inclusive migrantes que retornaram ao país.

PAÍSES EM VIAS DE APRESENTAR ALTA INCIDÊNCIA DE FOME

Brasil

Em 2014, o Brasil estava vencendo a guerra contra a fome graças a investimentos governamentais em benefício de pequenos produtores rurais e a um pacote de políticas que incluíram a criação de um Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA), desenvolvido em parceria com a sociedade civil.^{cx}

A situação vem se deteriorando desde 2015 em decorrência da crise econômica e de quatro anos de medidas de austeridade. Em 2018, o número de pessoas em situação de fome no Brasil aumentou em 100 mil (para 5,2 milhões)^{cxii} devido a um aumento acentuado nas taxas de pobreza^{cxiii} e desemprego^{cxiv} e a cortes radicais nos orçamentos para agricultura e proteção social. Isso incluiu cortes no programa Bolsa Família e, a partir de 2019, o desmantelamento gradual de políticas e órgãos bem-sucedidos estabelecidos por governos anteriores, incluindo o fechamento do CONSEA.

A pandemia da COVID-19 somou-se a essa combinação já tóxica de fatores, aumentando rapidamente as taxas de pobreza e fome em todo o país. As medidas de distanciamento social adotadas para conter a propagação do coronavírus e evitar o colapso do sistema público de saúde agravaram a crise econômica.

Milhões de trabalhadores mais pobres, com poucos recursos em poupança e acesso limitado a benefícios, perderam seus empregos ou renda da noite para o dia^{cxv}.

Contudo, no final de junho, o governo federal distribuiu apenas 10% da ajuda financeira prometida a trabalhadores e empresas, via Programa de Apoio ao Emprego de Emergência (PESE)^{cxvi}, com grandes empresas obtendo mais benefícios do governo do que trabalhadores ou micro e pequenas empresas. Da mesma forma, apenas 47,9% dos fundos destinados à assistência de emergência a pessoas vulneráveis foram distribuídos no início de julho^{cxvii}.

Até o presente momento, o governo federal não tem apoiado as pessoas mais vulneráveis do Brasil no enfrentamento da pandemia. A implementação do programa de Renda Básica Emergencial ainda está enfrentando muitos desafios. Os problemas incluem longos atrasos na resposta a pedidos de auxílio emergencial, recusa em disponibilizar o auxílio sem uma justificativa válida e a necessidade de se ter um telefone celular, conexão à Internet e um endereço de e-mail para poder se cadastrar para receber o auxílio.^{cxviii} Apenas três meses após a eclosão do surto de coronavírus no país e em um momento no qual o surto ainda está muito fora de controle, o governo também está ameaçando reduzir a concessão do benefício.^{cxix}

A Oxfam Brasil lançou uma campanha em apoio a 1 mil famílias vulneráveis em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Distrito Federal por meio da transferência de recursos

em espécie no valor de US\$ 60 por mês durante quatro meses – valor suficiente para garantir que as famílias possam comprar alimentos e outros bens essenciais. A meta de captação de recursos desse programa é de US\$ 240 mil.

Índia

"Eu era auxiliar de enfermagem, mas perdi meu emprego depois do lockdown. Consegui me manter com minha pequena poupança por um mês. Agora nós dois estamos sobrevivendo com uma refeição por dia. Se a situação não melhorar, receio que talvez fique sem nada para comer em poucos dias. Não tenho condições de pagar o aluguel e a conta de luz e estou com medo de ser despejada."

Gudiya Devi, moradora de Patna, capital de Bihar, com seu filho de 12 anos.

A Índia tem sofrido com a fome há muito tempo. Em 2019, 195 milhões de pessoas – 14,5% da população do país – estavam desnutridas^{cxx} devido a um cenário de extrema desigualdade, falta de investimentos em comunidades rurais (onde vivem 70% da população),^{cxxi} falta de mecanismos de proteção para trabalhadores em situação de pobreza, sistemas corruptos e ineficientes de distribuição de ajuda alimentar e apoio social, e um clima cada vez mais irregular e extremo.

Nesse cenário, às 20 horas do dia 23 de março, com antecedência de apenas quatro horas, o governo indiano anunciou um lockdown nacional de 21 dias para conter a propagação do coronavírus. Milhões de pessoas que já levavam uma existência precária e estavam à beira da fome – comunidades rurais, castas inferiores, grupos minoritários, mulheres e crianças – se viram repentinamente empurradas para o abismo.

Estima-se que 40 milhões de pessoas, predominantemente trabalhadores migrantes de castas mais baixas que ganham a vida como trabalhadores domésticos, vendedores ambulantes ou assalariados diários em canteiros de obras, ficaram sem emprego da noite para o dia.^{cxxii} Diante da possibilidade de passar fome e contrair a doença em favelas superlotadas, e com os transportes públicos suspensos, centenas de milhares de pessoas começaram a se deslocar a pé, por centenas de quilômetros em alguns casos, para retornar às suas aldeias.^{cxxiii}

Restrições rigorosas impostas a viagens também privaram agricultores de uma força de trabalho migrante no pico da estação da colheita, forçando muitos deles a deixar suas lavouras apodrecerem no campo. Esse fenômeno está tendo um enorme impacto na renda dos agricultores e na segurança alimentar de comunidades rurais. Por exemplo, grupos tribais e moradores da floresta obtêm a maior parte de sua renda anual com a venda de produtos florestais, como sementes de tamarindo e pongamia. No entanto, as restrições impostas a viagens não permitiram que os comerciantes que compram esses produtos para revendê-los fossem até as suas áreas na alta temporada da colheita, privando-os dessa renda.^{cxxiv}

Após cinco semanas de lockdown, uma pesquisa realizada em 5 mil domicílios rurais em 12 estados revelou que metade deles estavam sendo forçados a reduzir o número de refeições que consumiam, enquanto quase um quarto estava sendo forçado a pedir comida a outras pessoas desde o início do bloqueio. Essa pesquisa também mostrou que uma parcela significativa das famílias entrevistadas está ficando endividada ou vendendo ativos para conseguir sobreviver, já que 22% delas relataram ter sido forçadas a vender seu gado e 16% afirmaram que haviam tomado dinheiro emprestado com agiotas.^{cxxv}

O governo indiano anunciou um pacote de estímulo de US\$ 22,5 bilhões para apoiar empresas e famílias durante a crise.^{cxxvi} No entanto, devido à corrupção e ao mau planejamento, milhões das pessoas mais vulneráveis da Índia não têm conseguido ter acesso a nenhuma assistência, incluindo mais de 95 milhões de crianças de comunidades pobres que deixaram de ter acesso a uma refeição quente na hora almoço por conta do fechamento repentino das *anganwadi* (creches rurais).^{cxxvii}

A Oxfam Índia está trabalhando com parceiros para apoiar comunidades vulneráveis em 14 estados, disponibilizando rações alimentares, refeições cozidas e água para grupos vulneráveis, incluindo trabalhadores migrantes, trabalhadores da construção civil e sem-teto.

África do Sul

Mesmo antes da eclosão da pandemia, 13,7 milhões de pessoas que viviam na África do Sul não tinham acesso a alimentos devido a altos níveis de desemprego, à falta de acesso a ativos, como terras, ou a permissões de pesca e ao alto e crescente preço dos alimentos e de outros itens essenciais.^{cxxviii} A desigualdade e a discriminação também expõem alguns grupos, como o das mulheres – cuja renda é, na média, 27% mais baixa que a dos homens –, a uma probabilidade maior de passar fome.^{cxxix}

Pesquisas semanais realizadas desde o início do lockdown revelaram que o desemprego e a perda de renda estão afetando diretamente a segurança alimentar.

Um em cada três adultos entrevistados afirmou que estava indo dormir com fome por falta de alimentos suficientes em casa e um quinto afirmou havia perdido peso durante o confinamento devido à falta de comida.^{cxxx}

O problema é particularmente grave em áreas urbanas. Milhões de trabalhadores informais se viram subitamente desempregados e sem acesso a auxílio-doença ou seguro-desemprego. Enquanto isso, os preços dos alimentos e outros itens essenciais subiram devido à manipulação de estoques e preços por parte de supermercados e de outros fornecedores.^{cxxx} O fechamento do comércio de rua de alimentos, do qual cerca de 500 mil pessoas dependem para sobreviver, e no qual 70% das famílias de periferias pobres das cidades compram seus alimentos, está tendo um impacto enorme sobre os agricultores que os fornecem e sobre o que as pessoas podem comprar e comer – com a consequência de que as pessoas estão consumindo menos frutas e legumes frescos.^{cxxxii}

O pacote de estímulo de 500 bilhões de rands (mais de US\$ 28 bilhões) lançado pela África do Sul inclui o pagamento de um auxílio emergencial social em resposta à COVID-19 para sul-africanos desempregados, migrantes registrados e refugiados, mas os quatro milhões de migrantes sem documentos que vivem no país não são elegíveis para receber esse auxílio. Os programas de distribuição de alimentos administrados por governos locais também foram afetados por diversos problemas, como atrasos provocados pelo grande número de pessoas que estão tentando se cadastrar neles e problemas relacionados à corrupção e a roubos.^{cxxxiii}

A Oxfam África do Sul está trabalhando com parceiros para distribuir alimentos a pessoas sem-teto em Joanesburgo e na província do Cabo Ocidental como parte de uma resposta mais abrangente à pandemia da COVID-19. A Oxfam também está trabalhando com outras pessoas e organizações em torno de uma campanha pelo estabelecimento de parcerias da sociedade civil para garantir a prestação efetiva de ajuda alimentar a quem precisa e apoio a pequenos agricultores, inclusive na forma de reformas agrárias.

MEDIDAS NECESSÁRIAS

Além da necessidade de os governos tomarem medidas para conter a propagação do coronavírus, são necessárias também medidas urgentes para fazer frente a uma crise de fome que vem se agravando e para criar sistemas alimentares mais resilientes e sustentáveis, que funcionem para todas as pessoas e para o planeta:

Prestem assistência de emergência para salvar vidas agora: Os governos doadores devem financiar na íntegra o apelo da ONU por ajuda humanitária diante da COVID-19 para prestar ajuda às comunidades e grupos mais vulneráveis, incluindo mulheres, trabalhadores migrantes e comunidades deslocadas. Os governos devem também garantir que os produtores de alimentos possam voltar a trabalhar com segurança, facilitar a circulação de agricultores e trabalhadores agrícolas, abrir mercados de alimentos e garantir acesso a insumos agrícolas. Mecanismos adicionais de apoio são necessários para ajudar pequenos agricultores e pastores a se reabastecer e preparar para a próxima estação de plantio.

Construam sistemas alimentares mais justos, mais resilientes e mais sustentáveis: Os governos devem assumir o compromisso de realizar uma reunião de alto nível durante a sessão do Comitê de Segurança Alimentar Mundial a se realizar em Roma em outubro de 2020 para coordenar medidas no sentido de garantir que o estabelecimento de sistemas alimentares mais justos, adequados em termos de gênero, resilientes e sustentáveis, constitua um elemento central das medidas de recuperação pós-pandemia. Os governos e o setor privado devem também aumentar seus investimentos na produção agroecológica de alimentos em pequena escala, garantir que os produtores tenham uma renda que lhes permita sobreviver estabelecendo preços mínimos para o produtor e outros mecanismos de apoio e garantir que os trabalhadores recebam um salário mínimo.

Promovam a participação e a liderança de mulheres: As mulheres devem ter a oportunidade de participar e liderar decisões sobre como reparar o nosso sistema alimentar falido. Para compreender todas as implicações dos desafios que as

mulheres estão enfrentando em decorrência da pandemia, dados desagregados por gênero devem ser coletados e usados para informar decisões sobre como responder a esses desafios. Também são necessárias medidas para combater a discriminação sofrida por mulheres produtoras de alimentos em relação a questões como as do acesso à terra, informação, crédito e tecnologia.

Cancelem dívidas para permitir que os países em desenvolvimento promovam mecanismos mais sólidos de proteção social: A comunidade internacional deve ampliar o cancelamento de dívidas no sentido abranger todas as dívidas privadas, bilaterais e multilaterais de países de baixa e média renda e com credores privados. Essa medida liberaria US\$ 1 trilhão em receitas para ajudar países em desenvolvimento a arcar com os custos de pacotes de resgate econômico para pequenas empresas e medidas de proteção social, como o pagamento de auxílios emergenciais em espécie para ajudar as pessoas a sobreviver.

Apoiem o apelo da ONU por um cessar-fogo global: A Oxfam apela a todos os países e partes envolvidas em conflitos que respondam ao apelo do Secretário-Geral da ONU por um cessar-fogo global. Eles devem parar imediatamente de lutar e vender armas, para permitir que pessoas recebam ajuda humanitária e que os esforços de paz avancem.^{cxxxiv}

Tomem medidas urgentes para enfrentar a crise climática: São necessárias medidas urgentes para reduzir drasticamente as emissões de gases de efeito estufa, impedir que as temperaturas globais subam acima de 1,5 grau e ajudar pequenos produtores a se adaptar às mudanças climáticas. Para esse fim, é necessário abordar as emissões da agricultura, que são responsáveis por um quarto das emissões globais de gases de efeito estufa e são principalmente oriundas do desmatamento, da pecuária e do uso de fertilizantes.^{cxxxv}

NOTAS DE FIM

ⁱ Em abril de 2020, a Rede de Informações sobre Segurança Alimentar estimou que 135 milhões de pessoas estavam em situação de crise de fome em 2019, com base em dados de 55 países, veja: <https://docs.wfp.org/api/documents/WFP->

-
- [0000114546/download/?_ga=2.192541098.16518084.1593024973-194571371.1591298594](https://www.ipcinfo.org/fileadmin/user_upload/ipcinfo/manual/IPC_Technical_Manual_3_Final.pdf). Em julho de 2020, o PMA revisou essa estimativa para aproximadamente 149 milhões, com base em dados de 79 países. A situação de crise de fome ocorre quando famílias apresentam grandes lacunas no consumo de alimentos, que se refletem em níveis muito altos de desnutrição aguda e mortalidade muito elevada ou só conseguem suprir suas necessidades de consumo de alimentos adotando estratégias de emergência, como a da venda de ativos. (Veja: Tabela 9, http://www.ipcinfo.org/fileadmin/user_upload/ipcinfo/manual/IPC_Technical_Manual_3_Final.pdf)
- ii <https://www.wfp.org/news/world-food-programme-assist-largest-number-hungry-people-ever-coronavirus-devastates-poor>
 - iii O PMA estima que o número de pessoas em situação de crise de fome – definida como a de nível 3 ou superior de insegurança alimentar aguda – aumentará em aproximadamente 121 milhões de pessoas neste ano em decorrência dos impactos socioeconômicos da pandemia. A taxa de mortalidade diária estimada para o nível 3 de insegurança alimentar aguda e acima é de 0,5 a 1 para cada 10.000 pessoas, o que equivale a 6.050 a 12.100 óbitos por dia devido à fome provocada pela pandemia antes do final de 2020.
 - iv A taxa de mortalidade diária global observada para a COVID-19 atingiu seu registro mais alto em abril de 2020, com pouco mais de 10.000 óbitos por dia, e vem variando de aproximadamente 5.000 a 7.000 óbitos por dia ao longo dos meses desde então (estimativa baseada em dados da Universidade John Hopkins - <https://www.covidtracker.com>). Embora não se possa ter certeza sobre projeções para o futuro, se essas tendências não forem significativamente revertidas ao longo do restante do ano e se o aumento estimado pelo PMA para as mortes de pessoas em situação de crise de fome se confirmar, é provável que o número de mortes diárias provocadas pelos impactos socioeconômicos da pandemia superará o dos óbitos provocados pela própria doença antes do final de 2020. É importante observar que há alguma sobreposição entre esses números, uma vez que algumas mortes causadas pela COVID-19 podem ter ligação com a desnutrição. Para um contexto comparativo, veja também: <https://www.weforum.org/agenda/2020/05/how-many-people-die-each-day-covid-19-coronavirus/>.
 - v <https://www.food.gov.uk/research/research-projects/the-covid-19-consumer-tracker>
 - vi Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). FAOSTAT: Food Supply—Livestock and Fish Primary Equivalent, 2016. <http://www.fao.org/faostat/en/#data/CL>. Acessado em junho de 2016
 - vii As empresas avaliadas foram as identificadas como as "10 Maiores" empresas de alimentos e bebidas na campanha *Behind the Brands* da Oxfam, que pagaram os seguintes dividendos em 2020 até o presente momento, com base em pesquisas da Oxfam (os valores foram arredondados para o milhão mais próximo): Associated British Foods (decidiu não declarar um dividendo provisório), Coca-Cola (US\$ 3.522 milhões), Danone (US\$ 1.348 milhões), General Mills (US\$ 594 milhões), Kellogg (US\$ 391 milhões), Mars (empresa privada), Mondelez (US\$ 408 milhões), Nestlé (US\$ 8.248 milhões), PepsiCo (US\$ 2.749 milhões) e Unilever (US\$ 1.180 milhões). Muitas dessas empresas estão envidando esforços para fazer frente à COVID-19 e/ou à fome global.
 - viii <https://fts.unocha.org/appeals/952/summary>

-
- ix Casos confirmados em 22 de junho de 2020. Fonte: [John Hopkins University](https://coronavirus.jhu.edu/map.html).
<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>
- x <http://www.ipcinfo.org/>. Cifras baseadas no nível 3 ou superior de insegurança alimentar aguda.
- xi COVID-19 Dashboard <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>
- xii <https://www.ghsindex.org/>
- xiii https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf
- xiv https://assets.oxfamamerica.org/media/documents/mb-dignity_not_destitution-an-economic-rescue-plan-for-all-090420-en.pdf
- xv https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_627189/lang-en/index.htm
- xvi https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_626831.pdf and https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf
- xvii https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_protect/---protrav/---travail/documents/briefingnote/wcms_743623.pdf
- xviii <https://www.knomad.org/publication/migration-and-development-brief-32-covid-19-crisis-through-migration-lens>
- xix <https://www.ifad.org/documents/38714170/40187309/gpfi.pdf/58ce7a06-7ec0-42e8-82dc-c069227edb79;>
https://www.researchgate.net/publication/328761465_The_Impact_of_Remittances_on_Food_Security_Status_in_the_Global_South
- xx <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/04/22/world-bank-predicts-sharpest-decline-of-remittances-in-recent-history>
- xxi <http://documents.worldbank.org/curated/en/590531592231143435/pdf/Social-Protection-and-Jobs-Responses-to-COVID-19-A-Real-Time-Review-of-Country-Measures-June-12-2020.pdf>
- xxii <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620976/mb-dignity%20not%20destitution-an-economic-rescue-plan-for-all-090420-en.pdf>
- xxiii <http://www.fao.org/3/ca5162en/ca5162en.pdf>
- xxiv https://www.care.org/sites/default/files/global_rga_covid_rdm_3.31.20_final.pdf
- xxv Em média, mulheres são responsáveis por 40% da produção agrícola em países como Etiópia e Nigéria – <https://www.worldbank.org/en/programs/africa-myths-and-facts/publication/women-agriculture-and-work-in-africa>
- xxvi <https://www.un.org/sexualviolenceinconflict/wp-content/uploads/2019/04/report/s-2019-280/Annual-report-2018.pdf>
- xxvii <http://www.fao.org/3/i2050e/i2050e01.pdf>
- xxviii <https://www.oxfam.org/en/press-releases/close-half-women-are-feeling-more-anxious-depressed-isolated-overworked-or-ill>
- xxix <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24984990/>

-
- xxx Veja, por exemplo: <https://www.rfa.org/english/news/myanmar/melons-rot-05142020185209.html> e <https://www.rferl.org/a/romanian-migrants-get-covid-19-as-pandemic-exposes-bad-conditions-for-east-european-workers/30643195.html>
- xxxii <https://www.oxfam.org/en/press-releases/covid-19-50-million-people-threatened-hunger-west-africa>
- xxxiii https://landportal.org/blog-post/2020/06/addressing-land-and-policy-grabs-shadow-covid-19?utm_source=Land+Portal+Newsletter&utm_campaign=ce30409681-EMAIL_CAMPAIGN_2018_01_23_COPY_01&utm_medium=email&utm_term=0_8b8de3bf56-ce30409681-346401765
- xxxiv <https://www.farmlandgrab.org/post/view/29498-uganda-35-000-left-homeless-as-private-firms-share-kiryandongo-land>
- xxxv <http://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/>
- xxxvi <http://www.fao.org/qIEWS/food-prices/home/en/> e <https://www.reuters.com/article/us-health-coronavirus-congo-food-price/profiteers-pounce-as-covid-19-threatens-congo-food-supply-idUSKBN22G16D>
- xxxvii <https://www.ers.usda.gov/data-products/food-price-outlook/>
- xxxviii https://thefern.org/ag_insider/as-coronavirus-drives-down-commodity-prices-farm-groups-ask-for-aid/
- xxxix A pesquisa foi realizada de maio a junho de 2020 por meio de organizações parceiras nos países cobertos pelo programa "Semeando a Diversidade = Colhendo a Segurança" (SD = HS). Para obter mais informações, entre em contato com a equipe da Oxfam que trabalha com o programa SD = HS pelo e-mail sdhsprogram@oxfamnovib.nl.
- xl <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620983/bp-conflict-coronavirus-global-ceasefire-120520-en.pdf>
- xli <https://fts.unocha.org/appeals/952/summary> (acessado em 3 de julho)
- xlii <https://fts.unocha.org/appeals/952/summary> (acessado em 3 de julho)
- xliiii Segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (UNOCHA), o Iêmen recebeu apenas 17% de todo o financiamento até o momento. <https://fts.unocha.org/countries/248/summary/2020>
- xliiiii Estimativas do UNOCHA de 2020. <https://fts.unocha.org/appeals/929/summary>
- xlv <https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/2020-06/Oxfam%20Global%20COVID%20Response%20Report%20-%20Full.pdf>
- xlvi <https://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/11/12/124010/pdf>
- xlvii https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/sg_policy_brief_on_covid_impact_on_food_security.pdf
- xlviii Oito países alcançaram a meta de gastos do Programa Abrangente de Desenvolvimento Agrícola da África (10% do orçamento governamental gasto com o setor agrícola). Veja: <http://ebrary.ifpri.org/utils/getfile/collection/p15738coll2/id/133463/filename/133672.pdf>
- xlix <https://oxfamilibrary.openrepository.com/bitstream/handle/10546/620877/bn-workers-rights-supermarket-supply-chains-101019-en.pdf>
- l <https://www.ipcc.ch/srccl/chapter/chapter-5/>

-
- ⁱ Mais de seis milhões de pessoas em áreas afetadas por invasões de gafanhotos estão sofrendo com níveis de fome só vistos em tempos de crises severas. <http://www.fao.org/ethiopia/news/detail-events/en/c/1270924/>
- ⁱⁱ https://www.humanitarianresponse.info/sites/www.humanitarianresponse.info/files/assessments/desert_locust_impact_assessment_report_for_ethiopia.pdf
- ⁱⁱⁱ http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/emergencies/docs/Desert%20Locust%20Crisis%20-%20Appeal%20for%20rapid%20response%20and%20anticipatory%20action%20in%20the%20Greater%20Horn%20of%20Africa%20January%20-%20December%202020%20.pdf
- ⁱⁱⁱⁱ <https://www.oxfam.org/en/press-releases/worlds-billionaires-have-more-wealth-46-billion-people>
- ^{lv} <https://www.weforum.org/agenda/2020/05/pandemics-poor-rich-economics-coronavirus-covid19/>
- ^{lv} Os 20% mais pobres da população consomem 1.217 calorias por dia, em média. Os 20% mais ricos consomem quase três vezes mais, 3.294 calorias por dia na média.
<https://books.google.co.ke/books?id=WZiFDwAAQBAJ&pg=PA16&lpg=PA16&dq=calories+per+quintile+malawi&source=bl&ots=AopYix79XB&sig=ACfU3U1xMr7FiL9SQi8vMEDyuE6adOoyRw&hl=en&sa=X&ved=2ahUKEwihybDi1IrgAhXDDOwKHUjtBxUQ6AEwAnoECAgQAQ#v=onepage&q=calories%20per%20quintile%20malawi&f=false>
- ^{lvi} <https://www.ft.com/content/cdd62792-0e85-11e9-acdc-4d9976f1533b>
- ^{lvii} <https://www.fantaproject.org/sites/default/files/resources/PROFILES-brief-stunting-learning-Feb2016.pdf>
- ^{lviii} <https://www.oxfamamerica.org/explore/issues/food-farming-and-hunger/behind-the-barcodes/>
- ^{lix} WFP Hunger and Conflict [Factsheet](#) – junho de 2019.
- ^{lx} <http://www.fao.org/3/I9553EN/i9553en.pdf>
- ^{lxi} A RCA foi classificada na 117ª posição entre 117 países no Índice Global da Fome de 2019.
<https://www.globalhungerindex.org/pdf/en/2019.pdf>
- ^{lxii} Projeção de maio a setembro de 2020 da Classificação Integrada de Segurança Alimentar (IPC).
- ^{lxiii} Dados de 30 de abril de 2020. Fonte: Comissão do Deslocamento Populacional.
- ^{lxiv} GIEWS - [Sistema Global de Informação e Alerta Precoce](#).
- ^{lxv} UNOHC - [Plano de Resposta Humanitária 2020 para o Iêmen](#) de 2020.
- ^{lxvi} UN YHNO 2019–dezembro de 2018; e Plano de Resposta Humanitária do UNOHC para o Iêmen 2020.
- ^{lxvii} FAO <http://www.fao.org/3/ca7557en/ca7557en.pdf>
- ^{lxviii} <https://news.un.org/en/story/2020/03/1058591>
- ^{lxix} Fonte: [Universidade John Hopkins](#) – 17 de junho de 2020.
- ^{lxx} UNOCHA [Plano de Resposta Humanitária para o Iêmen \(extensão\) junho-dezembro de 2020](#) pág. 5.
- ^{lxxi} [Oxfam Remittance Report](#), publicado em 1 de junho de 2020.
- ^{lxxii} <http://www.fao.org/news/story/en/item/380653/icode/>

-
- lxxiii [FAO monthly market monitoring bulletin](#) #56 (março de 2020), pág. 1.
- lxxiv Fonte: OCHA May Update, pág. 4.
- lxxv <https://www.nytimes.com/2020/03/27/world/middleeast/yemen-health-care-aid-coronavirus.html>
- lxxvi <https://www.middleeastmonitor.com/20200603-donors-promise-yemen-1-35-billion-falling-short-of-un-target-to-save-aid-operations/>
- lxxvii No total, 35 milhões de pessoas (93% da população) estão vivendo abaixo da linha de pobreza internacional de US\$ 2 por dia. Fonte: Plano de Resposta Humanitária de 2020 para o Afeganistão (revisão de junho de 2020), pág. 7.
- lxxviii [Relatório Global sobre a Crise Alimentar](#) de 2020, pág. 25.
- lxxix Segundo a Avaliação de Linha de Base da Matriz de Acompanhamento de Deslocados (DTM) da Organização Internacional para a Migração de 2019.
- lxxx Segundo o Banco Mundial e o Plano de Resposta Humanitária 2018-2021 para o Afeganistão do Escritório das Nações Unidas de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA)
- lxxxi [Relatório de setembro de 2019](#) e [Relatório de maio de 2020](#).
- lxxxii [Relatório de setembro de 2019](#) e [Relatório de maio de 2020](#).
- lxxxiii Plano de Resposta Humanitária 2018-2021 para o Afeganistão do Escritório das Nações Unidas de Coordenação de Assuntos Humanitários, revisão de junho de 2020, pág. 5
- lxxxiv Programa Mundial de Alimentos, [Afghanistan weekly market price bulletin](#), 10 de junho de 2020.
- lxxxv Programa Mundial de Alimentos, [Global Report on Food Crisis 2020](#), pág. 21
- lxxxvi Banco Mundial no Sudão do Sul, [Poverty and Vulnerability in a Fragile Environment](#), março de 2020.
- lxxxvii http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/emergencies/docs/FAOFamineresponse&prevention.pdf
- lxxxviii <https://news.un.org/en/story/2019/12/1053321>
- lxxxix Programa Mundial de Alimentos, [Impact of the pandemic on markets in South Sudan](#), março de 2020.
- xc [Ibid. https://reliefweb.int/report/south-sudan/south-sudan-humanitarian-snapshot-may-2020](https://reliefweb.int/report/south-sudan/south-sudan-humanitarian-snapshot-may-2020)
- xc <https://reliefweb.int/report/south-sudan/south-sudan-humanitarian-snapshot-may-2020>
- xcii [Relatório sobre o estado da segurança alimentar e nutrição no mundo de 2018](#) produzido pela FAO.
- xciii Em junho de 2020, <http://www.food-security.net/en/topic/food-and-nutrition-crisis-2020/>
- xciv OCHA, <https://www.unocha.org/sahel>
- xcv OCHA, [Humanitarian Overview](#) fevereiro de 2020.

-
- xcvi <https://www.climatelinks.org/resources/climate-change-risk-profile-west-africa-sahel#:~:text=The%20West%20Africa%20Sahel%20is,the%20rest%20of%20the%20world.>
- xcvii Impact of the COVID-19 Pandemic on Food and Nutrition Security in the Sahel and West Africa, Informativo de maio de 2020, pág. 4.
- xcviii Segundo o OCHA. <https://www.unocha.org/sahel>.
- xcix Fonte: Análises da Estrutura Harmonizada / *Cadre Harmonisé*, março de 2020.
- c Relatório Global sobre Crises Alimentares, pág. 47. <http://www.fightfoodcrises.net/food-crises-and-covid-19/en/>
- ci Relatório Global sobre Crises Alimentares, pág. 47. <http://www.fightfoodcrises.net/food-crises-and-covid-19/en/>
- cii Minuta do Panorama das Necessidades Humanitárias/Plano de Resposta Humanitária (HNO/HRP) para 2020 para a Venezuela, pág. 12. Também a avaliação de necessidades do Programa Mundial de Alimentos: <https://reliefweb.int/report/venezuela-bolivarian-republic/wfp-venezuela-evaluacion-de-seguridad-alimentaria-principales>.
- ciii Covid-19: Mapping the impact of March 2020 fuel crisis on agricultural production, distribution and food security. Equipe responsável pela análise da Venezuela, pág. 4.
- civ ACNUR, fevereiro de 2020. <https://www.unhcr.org/news/briefing/2020/2/5e3930db4/unhcr-welcomes-colombias-decision-regularize-stay-venezuelans-country.html>.
- cv https://assets.website-files.com/5caccaedb32e39d3c7d6819e/5ece7d886b16496aaa1888c5_OVM-Reporte-Covid19-Mayo_.pdf, pág.4.
- cvi Orozco, M. e Klaas, K. (2020), Money transfer to Venezuela. Remittance Flows Amidst Evolving Foreign Exchange, Migration, Remittances and Development Program at the Inter-American Dialogue. https://www.thedialogue.org/wp-content/uploads/2020/05/Report-Money-Transfers-to-Venezuela_May-2020-2.pdf, pág. 9.
- cvi Venezuela: COVID-19, Flash Update 4, OCHA. 22 de maio de 2020. <https://reliefweb.int/report/venezuela-bolivarian-republic/venezuela-covid-19-flash-update-n-4-22-may-2020>.
- cviiii Declaração pública assinada por diversas organizações indígenas. <https://www.derechos.org/ve/actualidad/comunicado-del-pueblo-indigena-warao-instituciones-y-organizaciones-ante-la-situacion-actual-por-el-covid-19>.
- cix https://www.humanitarianresponse.info/sites/www.humanitarianresponse.info/files/documents/files/v-en_covid-19_plan_intersectorial_2a_edicion_04102020.pdf
- cx <https://www.amnesty.org/es/latest/news/2018/03/venezuela-unattended-health-rights-crisis-is-forcing-thousands-to-flee/>
- cxii <http://www.fao.org/3/a-i4030e.pdf>
- cxiii www.fao.org/members-gateway/news/detail/en/c/1151731/
- cxiii <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>
- cxiv <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

-
- cxv <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26913-desemprego-cai-em-16-estados-em-2019-mas-20-tem-informalidade-recorde>
- cxvi <https://www.bcb.gov.br/app/pese/>
- cxvii <https://datastudio.google.com/u/0/reporting/12071674-bd8c-4949-af82-504ce236bd5d/page/8rwQB>
- cxviii <http://rendabasica.com.br/os-problemas-de-implementacao-da-renda-basica-emergencial/>
- cxix <https://economia.uol.com.br/colunas/carla-araujo/2020/06/29/auxilio-emergencial-bolsonaro-anuncia-prorrogação-do-beneficio.htm>
- cxx <https://www.wfp.org/publications/2019-state-food-security-and-nutrition-world-sofi-safeguarding-against-economic>
- cxxi https://www.business-standard.com/article/economy-policy/70-indians-live-in-rural-areas-census-111071500171_1.html
- cxxii <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-india-52360757>
- cxxiii <https://www.bbc.co.uk/news/world-asia-india-52672764>
- cxxiv <https://finance.yahoo.com/news/india-coronavirus-lockdown-left-forest-050626543.html>
- cxxv <https://timesofindia.indiatimes.com/india/nearly-half-of-rural-households-eating-fewer-items-less-number-of-times-to-overcome-covid-crisis-survey/articleshow/75703178.cms>
- cxxvi <https://www.cnbc.com/2020/03/26/coronavirus-india-needs-a-support-package-larger-than-20-billion-dollars.html>
- cxxvii <https://www.indiaspend.com/malnutrition-could-cost-childrens-health-lives-for-years-after-covid-crisis-experts-warn/>
- cxxviii Com base em uma comunicação com o Comitê de Avaliação da Vulnerabilidade da África do Sul
- cxxix <https://africacheck.org/reports/south-african-women-earn-27-less-men/>
- cxx <https://www.news24.com/news24/southafrica/news/lockdown-one-in-three-adults-in-sa-goes-to-bed-hungry-according-to-latest-research-20200520>
- cxxxi <https://www.dailymaverick.co.za/article/2020-04-21-the-impact-of-the-lockdown-on-food-prices/#gsc.tab=0> / <https://mg.co.za/coronavirus-essentials/2020-03-31-retailers-and-employers-nailed-in-covid-19-crackdown/>
- xxxii <https://www.plaas.org.za/food-in-the-time-of-the-coronavirus-why-we-should-be-very-very-afraid/>
- xxxiii <https://www.corruptionwatch.org.za/government-to-tackle-food-parcel-corruption/> e <https://www.iol.co.za/the-star/opinion-analysis/food-parcel-corruption-claims-must-be-probed-46928380>
- xxxiv Oxfam, Conflict in a time of coronavirus, maio de 2020. <https://www.oxfam.org/en/research/conflict-time-coronavirus>
- xxxv https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/08/4.-SPM_Approved_Microsite_FINAL.pdf